

## O ensino de trompete em projetos sociais: um ensaio sobre a prática do instrumento

**Isac Costa Soares**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[orcid.org/0000-0003-3796-5335](https://orcid.org/0000-0003-3796-5335)  
[isac\\_miles@yahoo.com.br](mailto:isac_miles@yahoo.com.br)

SOARES, Isac Costa. O ensino de trompete em projetos sociais: um ensaio sobre a prática do instrumento. **Revista da Abem**, [s. l.], v. 32, n. 2, e32203, 2024.

## O ensino de trompete em projetos sociais: um ensaio sobre a prática do instrumento

**Resumo:** Este ensaio tem como ponto de partida reflexões sobre o ensino de trompete dentro de projetos sociais e traz proposições sobre a importância do desenvolvimento técnico/musical dos seus participantes, defendendo a tese de que o ensino de instrumentos dentro desses espaços não deve ser negligenciado a ponto de tais projetos terem apenas como objetivo a inclusão social. Ou seja, a ideia é que pensemos sobre este aspecto sem que um seja anulado em detrimento do outro. Neste sentido, proponho ao longo do texto uma reflexão de forma mais abrangente, analisando materiais possíveis, trazendo exemplos práticos e pensando sobre a profissionalização musical em projetos de ação social. Todavia, devido a minha experiência de vida, prática docente e conhecimento empírico do campo trarei como enfoque o ensino de trompete dentro desses espaços e, para trazer luz a discussão, trago autores da área que tem ao longo dos anos discutido sobre o ensino de música nesses espaços, tais como, Souza *et al.* (2014), Penna (2006), Kater (2004), entre outros.

**Palavras-chave:** ensino de trompete, projetos sociais, desenvolvimento técnico/musical.

## Trumpet teaching in social projects: an essay on the practice of the instrument

**Abstract:** This essay has as its starting point reflections on the teaching of trumpet within social projects and brings propositions about the importance of the technical/musical development of its participants, defending the thesis that the teaching of instruments within these spaces should not be neglected to the point of such projects having the sole objective of social inclusion. In other words, the idea is that we think about this aspect without one being canceled to the detriment of the other. In this sense, I propose a more comprehensive reflection throughout the text, analyzing possible materials, bringing practical examples and thinking about musical professionalization in social action projects. However, due to my life experience, teaching practice and empirical knowledge of the field, I will focus on trumpet teaching within these spaces and to bring light to the discussion, I bring authors from the area who have discussed music teaching in these spaces over the years. spaces, such as Souza *et al.* (2014), Penna (2006), Kater (2004), among others.

**Keywords:** trumpet teaching, social projects, technical/musical development.

## Enseñanza de la trompeta en proyectos sociales: un ensayo sobre la práctica del instrumento

**Resumen:** Este ensayo tiene como punto de partida reflexiones sobre la enseñanza de la trompeta dentro de proyectos sociales y trae propuestas sobre la importancia del desarrollo técnico/musical de sus participantes, defendiendo la tesis de que la enseñanza de instrumentos dentro de estos espacios no debe ser descuidada hasta el punto de que dichos proyectos tengan como único objetivo la inclusión social. Es decir, la idea es que pensemos en este aspecto sin que se anule uno en detrimento del otro. En este sentido, propongo una reflexión más integral a lo largo del texto, analizando posibles materiales, aportando ejemplos prácticos y pensando en la profesionalización musical en proyectos de acción social. Sin embargo, debido a mi experiencia de vida, práctica docente y conocimiento empírico del campo, me centraré en la enseñanza de la trompeta dentro de estos espacios y, para iluminar la discusión, traigo autores del área que han discutido la enseñanza de la música en estos espacios durante los últimos años. años, espacios como Souza *et al.* (2014), Penna (2006), Kater (2004), entre otros.

**Palabras clave:** enseñanza de trompeta, proyectos sociales, desarrollo técnico/musical.

## Introdução

Este ensaio tem como ponto de partida reflexões sobre o ensino de trompete dentro de projetos sociais, defendendo a tese de que o ensino de instrumentos dentro desses espaços não deve ser negligenciado a ponto de tais projetos terem apenas como objetivo a inclusão social. Ou seja, a ideia é que pensemos sobre esse aspecto sem que um seja anulado em detrimento do outro. Nesse sentido, proponho ao longo do texto uma reflexão de forma mais abrangente, para além do ensino de trompete; todavia, devido a minha experiência de vida, prática docente e conhecimento empírico do campo, trarei como enfoque o ensino de trompete dentro desses espaços.

Para desenvolver tal argumentação, organizo o texto em seis partes. Na primeira parte, descrevo minha experiência de vida em projetos sociais e o motivador para a escrita deste ensaio. Na segunda parte, trago uma reflexão sobre o ensino em projetos sociais pensando para além do social. Na terceira parte, explicito a produção de materiais que abordam o ensino de trompete em projetos sociais e provooco sobre a produção de materiais para os demais instrumentos para esse campo. Na quarta parte, apresento possíveis ideias sobre a produção de materiais e trabalho técnico/musical para o ensino de trompete em tais espaços. Na quinta parte, abordo questões referentes à profissionalização dentro de projeto sociais. Na sexta e última parte, concluo o ensaio delineando questões que acredito serem pertinentes para o desenvolvimento da área.

## Experiência de vida

Minha trajetória no trompete inicia dentro de um projeto social na cidade de Alvorada (RS) em uma comunidade periférica como tantas outras que temos em nosso país. Nessa comunidade, chamada bairro Umbu, no ano de 2004, quando iniciei, a música não chegava através das escolas de ensino básico. Entretanto, tive a sorte de existir um projeto social chamado “Projeto Ouviravida”<sup>1</sup> que, na época, acabou fazendo o trabalho que deveria ser papel do Estado, fornecendo o ensino de

---

<sup>1</sup> Projeto Ouviravida é um projeto social que “promove o ensino e formação musical de 180 crianças da Vila Pinto, bairro Bom Jesus/Porto Alegre – RS”. Informações em: <https://www.facebook.com/ouviravida> (acesso: 23/09/2023).

música de forma gratuita e com qualidade. Nesse projeto tive aulas de flauta doce, canto coral e percussão.

O Projeto Ouviravida, no ano de 2004, tinha parceria com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e, com isso, os alunos assistiam a concertos e recitais gratuitamente através de passeios e idas de grupos para a comunidade. A partir dessa iniciativa, o projeto levou estudantes do conservatório Pablo Komlós, conhecido como Escola de Música da OSPA, que fazia parte da orquestra, para se apresentar, quando tive então a oportunidade de conhecer o trompete, que até o momento nunca tinha visto nem ouvido ao vivo. Essa experiência despertou meu interesse e vontade de aprender a tocá-lo e, para que isso se concretizasse, o projeto conseguiu uma doação do instrumento; entretanto, não tínhamos um professor específico que desse as aulas. Nesse sentido, acabei me deparando com o primeiro obstáculo, que era: como aprender um instrumento sem ter um professor?

No bairro vizinho havia uma escola que possuía uma banda de música, entrei em contato com o professor para entrar no projeto da banda, já que naquele espaço havia a possibilidade de tocar trompete. Porém, o professor da banda não era trompetista, ou seja, não era um professor específico e na primeira aula me passou apenas as posições das notas no instrumento. Na banda, não tínhamos aulas de instrumento, nós tocávamos um vasto repertório o que era muito divertido para um adolescente na época, entretanto, muitas vezes saíamos com os lábios machucados e hoje compreendo que isso era ocasionado devido à falta de trabalho de desenvolvimento de habilidades técnicas, pois o foco era a inclusão social de crianças e adolescentes e fazer música independentemente de como fosse executada.

A partir dessas experiências, acabei tendo vontade de seguir na área da música, o que me levou a fazer licenciatura e mestrado em música com ênfase em educação musical. Além disso, estudei trompete no conservatório, e hoje atuo como professor de música e trompete dentro de projetos sociais e como trompetista em uma banda sinfônica profissional; apesar de ter conseguido me tornar músico, ao longo do caminho tive diversos percalços no que tange à busca pelo desenvolvimento técnico e musical no instrumento, justamente devido ao que atribuo como “falta de base”.

Esse problema não impediu minha continuidade na área, mas com certeza tornou o caminho um pouco mais árduo e difícil.

## O motivador para a escrita do ensaio

Ao longo dos anos tenho sido convidado por algumas instituições para participar de eventos ministrando workshops em projetos sociais vinculados a orquestras e bandas de música com ensino de trompete no estado do Rio Grande do Sul, principalmente na região metropolitana da cidade de Porto Alegre. Me alegro muito sempre que tenho a oportunidade de estar nesses locais e posso falar sobre música e trompete com os alunos. Entretanto, tenho observado que, além das diversas dificuldades que os projetos têm para se manter, comprar instrumentos, ter espaços adequados para as aulas e engajar a comunidade, também muitas vezes os estudantes apresentam problemas técnicos relacionados ao instrumento. No caso específico da região de Porto Alegre e falando sobre o ensino de trompete nesses espaços, atribuo essa questão à possível falta de formação dos professores, pois, em minha pesquisa de mestrado (Soares, 2021b), observou-se que não temos o curso de licenciatura ou bacharelado em trompete na cidade e nem na região metropolitana, o que tem dificultado a formação de instrumentistas de metais no geral a conseguir uma formação no instrumento certificada pelo MEC. Além disso, percebo que, apesar de hoje termos acesso a aulas, conteúdos e materiais de forma online, ainda assim os estudantes carecem de informações básicas sobre o instrumento e sua prática. Obviamente que entendo que apesar da existência dessas possibilidades, dentro da perspectiva de um projeto social, a grande maioria de seus participantes tem diversas dificuldades para conseguir acesso à internet. Pode-se constatar isso principalmente por trabalhos que foram gerados durante a pandemia, falando sobre os desafios impostos para essas instituições, tais como Barros (2020), Silva *et al.* (2020), Silva e Santos (2021), Soares (2021a) e Kinoshita (2021). Todavia, penso que a reflexão se valida na medida em que surgem questões relacionadas a que tipo de formação está sendo pensada para os participantes desses projetos. Nesse sentido, algumas perguntas surgem, tais como: as questões de desenvolvimento técnico/musical devem ser levadas em consideração quando se atua em um projeto social? Estamos pensando em materiais de estudo focado em estudantes de música participantes de

projetos sociais? Como desenvolver tais habilidades sem tornar a aprendizagem sem sentido ou cansativa dentro desses espaços? Por último, essas questões são pertinentes para quem trabalha em projetos sociais de música? As respostas para essas perguntas não são fáceis, por se tratar de um assunto complexo devido à grande variedade e formato dessas instituições, pois, como explicam Souza *et al.* (2014, p. 16),

os vários tipos de projetos sociais, voltados para os distintos públicos – como crianças, jovens, adultos, idosos –, para os diversos interesses políticos e para os diferentes objetivos de aprendizagem e de transformação social, fazem com que esses projetos se alojem em diversos campos do conhecimento.

Além disso, temos variadas linhas de pensamentos e autores em nossa área sobre esse tema. Entretanto, acredito que a discussão e reflexão podem ser benéficas para o desenvolvimento da área e, por isso, ao longo deste ensaio, tentarei responder a essas questões.

## Pensando em um ensino de música para além do social

Os projetos sociais, em suma, são, como Souza *et al.* (2014) colocam,

[...] destinados a pessoas que são excluídas ou “menos visíveis” para a sociedade, como pessoas idosas, jovens, crianças, mulheres, negros, integrantes da comunidade LGBT, trazendo questões de gênero, raça, geração, entre outras. Assim, as concepções pedagógicas presentes nos projetos sociais passam a considerar a diversidade e a heterogeneidade como regra e não como exceção.

Sabendo disso, considerar um ensino de música que seja benéfico, atrativo e faça sentido para os participantes de tais projetos é muito importante, para que assim haja um envolvimento com as propostas musicais e comunidade local. Para Kater (2004, p. 10), os jovens participantes de projetos sociais

são no entanto os que mais necessitam de inclusão cultural e intelectual, conduzida por presenças íntegras, no âmbito de um atendimento competente. Atendimento alimentado por iniciativas estimulantes de formação, que busquem auxiliá-los na preparação para a vida, tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional.

Nesse sentido, Souza *et al.* (2014, p. 21) explicam que os participantes de tais projetos muitas vezes “são traumatizados, que não têm família ou que não tiveram uma boa socialização primária, [e portanto] a socialização secundária por meio da música pode contribuir para uma reconstituição do tecido social”. Por isso, entendo que precisamos pensar o projeto social como um vetor de promoção do desenvolvimento humano. Entretanto, o olhar aqui deve-se aprofundar também em questões relacionadas ao ensino e difusão da prática musical, ou seja, juntamente às questões sociais, quando falamos em ensino de música, não devemos perder de vista que estamos ensinando MÚSICA, e que, independentemente do espaço de atuação, a busca pela qualidade técnica deve ser levada em consideração. Mas, como apontado por Kater (2004), sempre se pensando em “iniciativas estimulantes”. Souza *et al.* (2014, p. 21) advertem que

trabalhar com música em projetos sociais significa pensar nas condições de cada um dos participantes, nas necessidades e problemas individuais. Devem-se oferecer aos sujeitos oportunidades de engajamento em seus processos de aprendizagem, para que possam se envolver e ter o sentimento de “eu posso”.

Na minha perspectiva, alinhada à abordagem de Souza *et al.* (2014), aquele que opta por atuar como professor de música em um projeto social deve estar ciente dos desafios substanciais relacionados às suas práticas pedagógicas. Em primeiro lugar, esse profissional precisa reconhecer que, além de desempenhar o papel de educador musical, também será incumbido de ensinar e frequentemente abordar temas que, em princípio, não estariam dentro do escopo tradicional de um professor de música. Em minhas práticas docentes nesses espaços, vivi uma experiência que me marcou profundamente. Uma estudante de trompete, adolescente, enfrentou uma gravidez precoce. Ao abordar a situação com ela, percebi que a falta de orientação sobre métodos contraceptivos era uma questão presente em sua vida. Naquela época, tomei a decisão de não aprofundar o assunto, pensando que minha responsabilidade estava exclusivamente no ensino de trompete. Hoje, reconheço que essa foi uma abordagem equivocada, e lamento não ter discutido esse tema durante as aulas ou procurado apoio na coordenação quando havia tempo. A gravidez acabou se tornando um desafio para a continuidade de sua participação no projeto, resultando eventualmente em sua desistência.

Confesso que, apesar de anos de experiência como professor em projetos sociais, muitas vezes existem situações que podem nos pegar de surpresa, e isso faz parte do processo e da experiência docente. Com o tempo, aprendi que as aulas não eram somente sobre trompete. Porém, apesar desse pequeno relato que descrevo na tentativa de mostrar a complexidade que exige o ensino de música em tais espaços, reforço que, ainda assim, precisamos, além dessas questões, pensar no desenvolvimento técnico/musical de nossos alunos, para que, assim, possamos trabalhar seu engajamento, autoestima e esse sentimento de “eu posso” colocado por Souza *et al.* (2014).

Quando inicio esta seção com o título “Pensando em um ensino de música para além do social”, o intuito é ressaltar que não podemos perder o ponto que considero principal quando trabalhamos com o ensino de música e pensamos no desenvolvimento global dos participantes de projetos sociais, que é a música. Esse debate não é algo novo em nossa área, autores como Penna (2006), Kater (2004), Santos (2007) e Bozzetto (2015) mostram, digamos assim, o outro lado dos projetos sociais. Trazem a ideia de tomarmos certo cuidado quando pensamos no ensino de música nesses espaços, para não cairmos no que Penna (2006) chama de “visão redentora da música”, pois, como a autora coloca:

Diante das necessidades prementes dos grupos atendidos por tais projetos, que enfrentam precárias condições de vida, com alternativas de realização pessoal, profissional ou social extremamente restritas, parece fácil considerar qualquer abordagem como válida, qualquer contribuição como positiva. (Penna, 2006, p. 38)

Infelizmente, os projetos sociais de música, muitas vezes até para se manterem financeiramente, precisam, de certa forma, defender essa ideia de “redenção musical”. Isso se dá porque, como Kleber (2006, p. 97) explica, a “cultura é vista como um importante meio de reconstrução da identidade sociocultural, e a música está entre as atividades de maior apelo para a realização de projetos sociais, principalmente com os jovens adolescentes”. Nessa perspectiva, muitas vezes, buscando o fomento dentro das mídias os projetos sociais caem na ideia de que qualquer produto ou produção é válida, desde que isso traga visibilidade para tal. Ou seja, apenas explicar os diversos benefícios que o ensino de música dentro desses espaços traz não seria suficiente para manter tais projetos. Entretanto, acredito que



isso não justificaria pensarmos apenas na música como redentora e no produto/produção por ou para conseguir patrocínios. A pergunta aqui seria se qualquer abordagem metodológica é válida para mantermos um projeto social. Poderíamos nos restringir a um produto musical menos elaborado ou ao que chamo de “tocar por tocar”, negando assim aos nossos alunos um ensino sério e de qualidade? E, para esclarecer, quando menciono conteúdo menos elaborado, refiro-me à produção musical em si, independentemente do repertório, gênero e estilo musical trabalhado.

Para responder à pergunta acima, trago um breve relato de um momento em um determinado projeto no qual atualmente trabalho. Alguns estudantes de trompete, que estavam no projeto há alguns anos, ao chegarem naquela fase de decisão sobre que carreira iriam seguir, se depararam com a ideia de fazer o vestibular para música. Todavia, os estudantes optaram por prestar vestibular para Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por ser a mais próxima para todos e localizada na região central de Porto Alegre. Porém, a UFRGS não diferente de muitas universidades brasileiras, exige para os seus candidatos uma prova específica de música, tanto prática, quanto teórica, além do vestibular com os diversos conteúdos que o compõem. Como ao longo dos anos os alunos vinham estudando variados repertórios e estudos técnicos no instrumento, apesar da ansiedade e incertezas que tiveram para enfrentar a prova, esse primeiro obstáculo foi vencido sem maiores problemas. Os três estudantes de trompete que decidiram fazer vestibular foram aprovados, cada um em um momento diferente, e vê-los ingressar na universidade é muito positivo para o projeto, pois mostra que, apesar de esse não ser o objetivo principal, até porque a maioria dos alunos de projetos sociais seguem em outras áreas, a preparação ao longo dos anos que foi dada a eles foi benéfica para suas vidas. Hoje alguns desses estudantes serão nossos colegas, graças a essa base técnica e musical que tiveram no princípio de seus estudos.

Outro ponto que quero colocar é que, apesar de neste ensaio estar “batendo na tecla” sobre a importância de trabalharmos o conteúdo técnico/musical com estudantes de música em projetos sociais, também acredito que a técnica pela técnica não é benéfica. Entretanto, não estou me contradizendo, apenas quero que a reflexão se estenda para pensarmos que o outro lado pode ser prejudicial também.

Existem aqueles projetos que focam apenas no desenvolvimento técnico de seus participantes, muitas vezes, com uma proposta de música erudita, deixando as outras práticas musicais de lado e esquecendo o papel e responsabilidade social que deveriam ter. Normalmente esses projetos selecionam

[...] entre o grupo de interessados inscritos, aqueles julgados mais aptos para participar do processo proposto (cursos, grupos de interpretação, montagem de eventos, etc.). Ao fazerem seleção dos participantes recorrem a critérios de habilidade ou experiência anterior do ponto de vista técnico e, do ponto de vista pessoal, ao nível de sociabilidade e adaptabilidade. Normalmente guardam os mais qualificados, excluindo exatamente aqueles que em princípio mais precisariam se beneficiar do trabalho oferecido. (Kater, 2004, p. 46)

Esse tipo de trabalho, apesar de cumprir com sua função, acaba por esquecer o verdadeiro propósito de um projeto social. Penna (2006, p. 38) defende a ideia de que o domínio da técnica é fundamental, porém, o “problema surge quando a técnica se transforma em um fim em si mesma, quando a expressão e iniciativa dos alunos são relegadas a segundo plano e a atividade passa a ser mecânica, desprovida de sentido para os alunos”. Por isso que pensar como se desenvolverá o trabalho dentro desses espaços é importantíssimo, tanto para não cairmos na visão redentora como não cairmos em uma visão conservatorial de ensino<sup>2</sup>. Para isso, acho fundamental que pensemos em materiais que nos ajudem em nossas práticas docentes e na formação de professores que entendam as demandas e especificidades de um projeto social.

## Sobre a produção de materiais

Em minha busca por materiais que pudessem contribuir com minhas práticas de ensino de trompete dentro dos projetos sociais em que atuo, encontrei apenas duas produções relacionadas ao trabalho de desenvolvimento técnico e musical

---

<sup>2</sup> Esta visão de ensino, que também pode ser chamada de *habitus conservatorial*, é explicada por Pereira (2014, p. 95) ao colocar que “o *habitus conservatorial* faz com que a música erudita figure como conhecimento legítimo e como parâmetro de estruturação das disciplinas e de hierarquização dos capitais culturais em disputa. Neste caso, a História da Música se refere à história da música erudita ocidental. O estudo das técnicas de análise tem como conteúdo as formas tradicionais do repertório erudito e a Harmonia corresponde, na maioria dos casos, ao modo ocidental de combinar os sons, investigando, quase sempre, as regras palestrinianas que datam do barroco musical.”

destinado para estudantes de projetos sociais. O primeiro é um livro digital disponibilizado pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, produzido pelo Projeto Guri<sup>3</sup>. Esse material possui uma preocupação no desenvolvimento do estudante desde sua postura, alongamentos antes da prática, produção do som, escuta do instrumento, até a leitura musical. Abaixo segue uma foto extraída do livro do aluno:

Figura 1 – Postura para tocar



Fonte: Livro do aluno do Projeto Guri (Scheffer, 2013, p. 11)

<sup>3</sup> “O Guri é um programa do Governo do Estado de São Paulo gerido pela Santa Marcelina Cultura, por meio de contrato de gestão celebrado com a Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. Atende gratuitamente mais de 60 mil crianças e adolescentes por ano, em 384 polos de ensino, localizados em 282 cidades do Estado de São Paulo” (Projeto Guri, 2014).

Outro projeto com produção de material específico para projetos sociais é o projeto Favela Brass<sup>4</sup>. No site da instituição é possível encontrar um material produzido com músicas para trompete e outros instrumentos de acordo com o nível de cada estudante. Nesse material, nota-se a preocupação dos professores em colocar um repertório variado com músicas do nosso folclore e do mundo, marchinhas de carnaval, rock e funk, como segue na imagem abaixo:

Figura 2 – Rap da felicidade

TPT

**RAP DA FELICIDADE**

CIDINHO E DOCA

Fonte: livro *Trompete Nível 2*<sup>5</sup>

<sup>4</sup> “O Favela Brass é um programa de educação musical para crianças e adolescentes nas favelas e escolas públicas do Rio de Janeiro. Os alunos aprendem instrumentos de sopro, percussão e um repertório típico das fanfarras e blocos de rua – de sambas e marchinhas ao funk carioca e o jazz. Realizamos oficinas na comunidade Pereira da Silva em Laranjeiras e no Aterro do Flamengo, e também fazemos apresentações públicas com os alunos ao longo do ano. Temos nosso próprio método musical, organizado por níveis de aprendizagem e estruturado para preparar os alunos para os testes de habilidade específicas exigidos pela maioria das faculdades públicas de música” (Favela Brass, [2022]).

<sup>5</sup> Para mais informações, ver Favela Brass (2020).

Outro ponto importante a destacar é que esses materiais pensam o trompete como um instrumento musicalizador, ou seja, um instrumento de porta de entrada para a música, o que não é tão comum, visto que, por exemplo, no trabalho de Costa (2022) intitulado “Métodos nacionais de trompete para iniciantes: a importância dos fundamentos para a iniciação no trompete”, a autora mostra que ainda temos poucos métodos pensados para iniciação no instrumento produzidos em nossa língua, apresentando apenas quatro livros e, dentre eles, um é o livro já citado neste ensaio, desenvolvido pelo Projeto Guri. Além disso, temos uma grande questão ainda no ensino de trompete: por causa do habitus conservatorial, Costa (2022) explica que “as metodologias estrangeiras são mais utilizadas para os iniciantes devido à formação dos planos de aulas dos conservatórios, que trabalham as técnicas sucessivamente”. Ou seja, estamos longe de ter materiais elaborados e organizados exclusivamente para o ensino de trompete em projetos sociais, e, apesar de existirem livros como os de Alves, Cruvinel e Alcantara (2014) e o de Barbosa (2009), sabemos que estes não trabalham exclusivamente o ensino de trompete, tendo que ser adaptados para os diversos formatos de projetos sociais. Esse então seria um primeiro desafio se pensarmos em aulas que propiciem o desenvolvimento técnico/musical de crianças e jovens dentro desses espaços, pois os professores, frequentemente, ficam à mercê de livros estrangeiros que, apesar de trazerem um vasto conteúdo técnico, muitas vezes não têm nenhuma relação com a realidade brasileira. Portanto, creio que pensar em métodos que tragam propostas pedagógicas para tais projetos venha facilitar possíveis abordagens metodológicas, pois acredito que esse tipo de produção auxilie a aprendizagem dos estudantes, visto que, além de estarem em português, podem vir a trazer especificidades na forma de ensino para projetos sociais, por serem elaborados para trabalhar nesses espaços.

### **Tornando a aula interessante e não perdendo de vista os aspectos técnicos/musicais**

Percebo que o grande desafio para nós professores que atuamos em projetos sociais, quando falamos no aspecto de trabalho com desenvolvimento técnico e musical, seria conseguir tornar o conteúdo abordado relevante para nossos estudantes. Como colocado, muitas vezes, se trabalhamos apenas as músicas, o que

chamei de “tocar por tocar”, isso no longo prazo pode ser prejudicial para aqueles que em algum momento venham a querer seguir na carreira como músicos/musicistas. Porém, se trabalhamos apenas a técnica, muitos alunos irão desistir e possivelmente criar até uma aversão à aprendizagem musical. Então, como aliarmos as duas coisas, tornando o ensino de qualidade e ao mesmo tempo interessante? Para isso, penso que teremos que ser criativos. Falando especificamente do ensino de trompete, como podemos notar na seção anterior, ainda não temos um vasto número de materiais que possuam metodologias específicas para o ensino de música em projetos sociais, e acredito que isso se estenda para outros instrumentos. Entendo que essa é uma missão complexa devido aos variados tipos existentes de projetos sociais, entretanto, como professor, tenho tentado organizar materiais específicos para meus alunos que os ajudem na parte técnica e na parte musical, como mostrarei na sequência.

Dado meu foco voltado para o trabalho com crianças e jovens dentro de projetos sociais, uma primeira ideia que tive foi criar um material em que, ao mesmo tempo que fosse desenvolvida a técnica, também possibilitasse trabalhar a parte musical, tanto coletiva como individualmente. Esse tipo de metodologia já existe em alguns livros específicos de trompete, o problema é que, como apontado por Costa (2022), a maioria está em língua estrangeira. Pensando então em trazer aspectos da nossa música e também da realidade dos estudantes, como ideia inicial criei um conjunto de arranjos com algumas músicas folclóricas e outras do cotidiano dos alunos. Por exemplo, para trabalhar articulação com alunos iniciantes utilizo a música *O trem de ferro*<sup>6</sup> composta a duas vozes, como podemos ver na figura a seguir.

---

<sup>6</sup> Segundo Brito (2003 *apud* Nascimento (2015, p. 60), *O trem de ferro* “é uma das canções mais popularizadas no Brasil, apresentando-se com diversas variações em sua letra, em algumas regiões é conhecida como o “Trem maluco”, que é a versão comumente apreciada entre as crianças, já em outras regiões é conhecida como ‘Trem de ferro’.”

Figura 3 – O trem de ferro

**O Trem de Ferro**

Arr: Isac Costa Soares

$\text{♩} = 85$

The musical score is arranged for two parts of Bb Trumpet. The first system (measures 1-4) is for Trompete em Bb 1 and 2. The subsequent systems (measures 5-21) are for Tpt. em Bb 1 and 2, with measure numbers 5, 9, 13, 17, and 21 indicating the start of each system. The tempo is marked as quarter note = 85. The key signature has one flat (Bb) and the time signature is 4/4.

Fonte: acervo do autor

Este arranjo pode ser tocado em poucas aulas e a primeira voz está em uma extensão pensada para um estudante iniciante de trompete, sendo a segunda executada pelo professor. Com essa música, após o aluno aprender a utilizar a língua para articular, posso então inseri-lo logo em seguida na prática musical, tornando assim sua aprendizagem mais produtiva. Outro exemplo, pensando em estudantes

mais adiantados, e também no desenvolvimento da articulação, seria a utilização do funk *Skatista*, de MC Chefin<sup>7</sup>; essa música foi solicitada por uma estudante, então resolvi aliar a questão da música com a prática da parte técnica.

Figura 4 – *Skatista*

**Skatista**  
Mc Chefin  
Adaptação: Isac Costa Soares

$\text{♩} = 80$

9

13

17

20

23

Fonte: acervo do autor

<sup>7</sup> Natanael Cauã Almeida de Souza, mais conhecido pelo nome artístico Chefin, é um rapper, cantor e compositor brasileiro (Chefin, 2023).



Em situações específicas como essa, costumo selecionar o conjunto de semicolcheias ou um fragmento da composição para abordar a articulação, visando o desenvolvimento da agilidade, conforme ilustrado na Figura 5:

Figura 5 – Exercício de articulação

### 1. Exercício de Articulação

The image shows a musical exercise titled "1. Exercício de Articulação". It is written in 4/4 time with a tempo marking of quarter note = 90. The exercise consists of four staves of music. The first staff begins with a quarter note = 90 marking and contains a sequence of eighth notes. The second, third, and fourth staves continue this sequence, starting at measures 3, 5, and 7 respectively. Each staff concludes with a whole note rest.

Fonte: acervo do autor

A ideia principal é que os estudantes possam se desenvolver tecnicamente, juntamente com a prática musical, e buscando não apenas “tocar por tocar”, pois, “o domínio da linguagem e dos procedimentos técnicos envolvidos no fazer artístico são meios necessários à própria expressão (pessoal e artística)” (Penna, 2006, p. 37). Ou seja, se queremos que nossos alunos sejam capazes de desfrutar, se expressar e comunicar com a música de forma plena, precisamos desenvolver estratégias para que, além do aprendizado musical, se desenvolvam as ferramentas necessárias para tal expressão.

## O projeto social como formação profissional

Quando penso no ensino de trompete dos estudantes para os quais tenho o prazer de lecionar dentro de projetos sociais, entendo que tenho certo compromisso com a formação de tais indivíduos. Muitas expectativas se criam quando eles começam a fazer aulas e em alguns casos percebem que a música pode vir a se tornar uma forma de sobrevivência, de ter trabalho e renda. Nem todos têm essa pretensão, mas em alguns é despertado esse interesse. No trabalho de Weichselbaum e Nunes (2016) intitulado “Contribuições do ensino da música em projetos sociais: depoimentos de egressos”, que teve como objetivo central “compreender e levantar como a educação musical oportunizada em projetos sociais pôde contribuir com ações, trazer melhorias e novas perspectivas para a vida de jovens oriundos desse ensino” Weichselbaum e Nunes (2016, p. 4), as autoras mostram através da pesquisa que os participantes, egressos de projetos sociais, ao terem a oportunidade de estudarem música e se desenvolverem musicalmente, muitas vezes acabam seguindo na área como descrevem no relato de um dos colaboradores da pesquisa; ao ser perguntado como o projeto social no qual ele estava inserido contribuiu em sua vida, Telemann<sup>8</sup> respondeu que o projeto “abriu portas para o profissional, o encaminhou para a profissão, professor de música e flauta doce”. Nesse relato, vemos que tais projetos, além de terem como objetivo a inclusão social, também acabam por formar professores de música e músicos, como havia discutido no início deste texto.

Sabendo-se então que tais projeto têm o poder de mudar realidades e ainda tornar seus participantes futuros profissionais, é imprescindível que se pense em qualidade de ensino para tais indivíduos. Precisamos pensar que esses estudantes irão enfrentar um mercado de trabalho concorrido e disputado na área musical, muitas vezes com salários baixos e com falta de estrutura nos lugares de atuação. Por isso, quanto mais ferramentas musicais estiverem desenvolvidas, mais chances eles terão de inserção na área. Um exemplo disso é uma aluna que também tenho acompanhado por um tempo dentro do projeto em que atuo, que agora começou a estudar o trompete com mais afinco, pois pensa em prestar concursos militares. Ou

---

<sup>8</sup> Segundo as autoras, para manter o anonimato dos entrevistados, foram utilizados pseudônimos com nomes de compositores e intérpretes masculinos e femininos para distinguir os gêneros.

seja, já vislumbra uma carreira na área, e sua preparação técnica/musical para enfrentar tais concurso, terá que estar bem desenvolvida e sólida, pois, sem isso, suas chances serão mínimas. Entretanto, como colocado, na medida do possível tenho feito um esforço para que, independentemente da realidade daquele estudante, o conteúdo a que ele tenha acesso no decorrer dos anos dentro do projeto, ou mesmo por uma breve passagem, seja o melhor possível dentro das possibilidades que tenho.

Ao colocar essas questões, também penso na formação do profissional/docente que irá atuar ou atua dentro de projetos sociais, pois não se pode cair na ideia de que, por se estar trabalhando em uma periferia, onde muitas vezes estão situados tais projetos, seus participantes não terão capacidade de absorção do conhecimento que ali será ou está sendo trabalhado. Esse tipo de preconceito/ignorância faz com que o educador que trabalha nesse espaço perca o grande potencial de construção que, se colocado engajamento e esforço em sua prática de ensino, ali pode surgir.

Conforme Penna (2006, p. 37) coloca, os “projetos educativos e sociais não são homogêneos ou uniformes, e há práticas bastantes distintas” e “são múltiplos os perfis dos educadores musicais, refletindo, inclusive, a variedade de espaços de atuação, cada qual com suas próprias demandas e desafios” (Penna, 2006, p. 42). Todavia, no geral, esses profissionais antes de qualquer coisa devem estar capacitados musicalmente para desenvolver um trabalho de qualidade e excelência nos projetos em que atuam.

Em um trabalho de Almeida (2005), é possível notar que há alguns anos, mais precisamente há 18 anos, a formação nos cursos de licenciatura era mais voltada para o ensino de música em escolas da rede básica e pouco se falava sobre a formação do professor para atuar em projetos sociais. É possível ver em seu trabalho relatos de professores que atuavam em projetos sociais sem ter formação acadêmica. Entretanto, sabe-se que hoje os cursos de licenciatura, no geral, têm em suas grades curriculares disciplinas que contemplam espaços não escolares. Essa visão de que não era necessária formação específica na área para lecionar em um projeto social tem mudado com o tempo, porém sabemos que ainda hoje muitos lugares contratam professores sem necessitar de formação específica em música

para dar aulas nesses espaços. Creio que, mesmo que tais profissionais já atuem com música e tenham inclusive uma carreira na área, é necessário que se desenvolva a parte pedagógica, e que o contrário também não seria o ideal. Ou seja, aquele professor que tem toda uma bagagem pedagógica, mas não se desenvolveu musicalmente ou não buscou uma formação, de certa forma pode deixar a desejar no ensino de música aos seus alunos e, como tenho falado, a formação técnica/musical é de importante valia na formação de tais estudantes.

## Conclusão

Com base em tudo que foi colocado até aqui, creio que pensar em um ensino de qualidade dentro dos projetos sociais é imprescindível para que possamos promover uma educação musical que propicie aos seus participantes inúmeros benefícios em seus aprendizados e práticas musicais. Apesar de ter trazido dentro das reflexões minhas experiências como professor de trompete, penso que a ideia do texto possa se estender a todos instrumentos.

Ao longo da revisão bibliográfica para escrever este ensaio, notei que, em geral, os trabalhos que discutem projetos sociais em nossa área tendem a apresentar predominantemente uma visão positiva desses projetos. No entanto, como mencionado anteriormente, alguns autores têm se esforçado para compreender esses projetos de uma forma mais abrangente, explorando também os aspectos menos positivos. Quando comecei a escrever, senti um pouco de receio de que minhas ideias pudessem não ser tão bem compreendidas, justamente por notar que a maioria dos trabalhos trazem uma visão “redentora da música” e aqui me propus a falar sobre a parte de desenvolvimento técnico/musical e qualidade de ensino, que muitas vezes, como observei empiricamente e através das leituras, é deixado de lado em detrimento do social, ou de resultados que tais projetos desejam ou necessitam apresentar. Por isso, tentei mostrar que desenvolver tecnicamente e musicalmente os estudantes participantes de tais projetos é importante não só por uma questão de possíveis resultados, mas também para suas vidas.

Sobre a produção de materiais e falando especificamente sobre o ensino de trompete em projetos sociais, temos pouquíssima produção voltada para esse espaço, e provavelmente deva ser assim para os outros instrumentos. Obviamente

que para compreender melhor essa questão, seria necessária uma pesquisa ou que outros professores discutissem sobre esse assunto através de produções acadêmicas. De qualquer forma, se pensarmos que ainda temos poucos materiais pedagógicos que possam ajudar os docentes e discentes e que pensem no desenvolvimento técnico/musical para esses espaços, podemos concluir que ainda não há uma preocupação sobre essa questão e talvez tenhamos espaço para pensar, pesquisar e aprofundar a discussão sobre essa temática.

Através deste ensaio também foi possível refletir que o ensino pensado no desenvolvimento técnico/musical de nossos alunos é de importante valia para aqueles que em algum momento de suas vidas optam por levar a música como profissão, pois as aulas e ensaios dentro dos projetos sociais serão talvez a única oportunidade de se desenvolverem musicalmente no início de suas trajetórias, e é a partir das ferramentas que ali são construídas que poderão seguir na área prestando vestibulares, concursos e tornando-se profissionais.

Para concluir, tentei aqui responder as perguntas que me fizeram chegar à escrita deste trabalho; de certa forma, como escrevi no início, perguntas que não são tão simples de serem respondidas. Entretanto, encontrar as respostas levaram-me a tais reflexões e ajudaram-me a pensar melhor sobre o tema aqui proposto. Porém, uma das perguntas não respondida ao longo deste ensaio é se “essas questões são pertinentes para quem trabalha em projetos sociais de música”, ou seja, tudo que trouxe até aqui é pertinente para nossa área? Estamos interessados nesse tema ou pensando sobre ele? Aqui, minha resposta será sucinta, no sentido de que acredito que sim, pois pensar sobre isso é importante para não cairmos na “visão redentora da música” apontada por Penna (2006); além disso, como a autora coloca, “se, com base nessa visão redentora, considerarmos qualquer música, qualquer arte, assim como qualquer ensino das mesmas como capazes de contribuir para a formação global do indivíduo, correremos o risco de perder a visão crítica” (Penna, 2006, p. 38). Diante disso, a ideia é que esse debate seja positivo para pensarmos a longo prazo o ensino de música em projetos sociais, fazendo com que, assim, mais educadores reflitam sobre suas práticas docentes dentro desses espaços.

## Referências

ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. Educação musical não-formal e atuação profissional. **Revista da Abem**, Porto Alegre, v. 13, p. 49-56, set. 2005.

ALVES, Marcelo Eterno; CRUVINEL, Flávia Maria; ALCANTARA, Luz Marina (org.). **Tocar junto: ensino coletivo de banda marcial**. Goiânia: Pronto Editora e Gráfica, 2014.

BARBOSA, Joel. **Da capo: tuba: método elementar para o ensino coletivo e/ou individual de instrumentos de banda**. 2. ed. Jundiaí: Keyboard Editora Musical, 2009.

BARROS, Matheus Henrique da Fonseca. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino remoto emergencial de música. **Ouvirouver**, Uberlândia, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 292-304, jan./jun. 2020.

BOZZETTO, Adriana. Família como interlocutora do projeto musical dos filhos: um estudo a partir da socialização musical de crianças e jovens em uma orquestra. **Cadernos Ceru**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 51-65, dez. 2015.

CHEFIN. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l. s. n.], 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chefin>. Acesso em: 23 set. 2023.

COSTA, Helen Reis da. **Métodos nacionais para iniciantes: a importância dos fundamentos para a iniciação no trompete**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Música) – Instituto de artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2022.

FAVELA BRASS. **Currículo Favela Brass: trompete nível 2**. Rio de Janeiro: Favela Brass, 2020. Disponível em: <https://www.curriculofavelabrass.org/trompete-n%C3%ADvel-2>. Acesso em: 19 set. 2023.

FAVELA BRASS. **Sobre nós**. Rio de Janeiro: Favela Brass, [2022]. Disponível em: <https://favelabrass.org/sobre/>. Acesso em: 19 set. 2023.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da Abem**, Porto Alegre, v. 12, n. 10, p. 43-51, mar. 2004.

KINOSHITA, Lucas. Aulas de música durante a pandemia: um breve relato de três experiências diferentes. *In*: SOUZA, Jusamara; SPECHT, Ana Claudia; CHAGAS NETO, Antonio; MARQUES, Jaqueline Soares; GONÇALVES, Lilia Neves; LORENZETTI, Michele Arype Girardi; TREJO LEÓN, Rosalía. **O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical**. Porto Alegre: Scientific, 2021. p. 20-25.

KLEBER, Magali. Educação musical: novas ou outras abordagens – novos ou outros protagonistas. **Revista da Abem**, Porto Alegre, v. 14, p. 91-98, mar. 2006.

NASCIMENTO, Natã. **A prática musical a partir da inclusão do cancioneiro folclórico infantil brasileiro**: um relato de experiência na Escola Galileu Junior. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

PENNA, Maura. Desafios para a educação musical: ultrapassar oposições promover o diálogo. **Revista da Abem**, Porto Alegre, v. 13, p. 35-43, mar. 2006.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. **Revista da Abem**, [s. l.], v. 22, n. 32, p. 90-103, jan./jun. 2014.

PROJETO GURI. **Quem somos**. São Paulo: Projeto Guri, 2014. Disponível em: <http://www.projetoguri.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 19 set. 2023.

SANTOS, Carla Pereira. Educação musical nos contextos não-formais: um enfoque acerca dos projetos sociais e sua interação na sociedade. *In*: CONGRESSO DA ANPPOM, 17., 2007, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Anppom, 2007. Disponível em: [https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2007/educacao\\_musical/edmus\\_CPSantos.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical/edmus_CPSantos.pdf). Acesso em: 24 nov. 2023.

SCHEFFER, Jorge Augusto. **Trompete**: básico 1 – turma A. São Paulo: Associação Amigos do Projeto Guri, 2013. (Livro do aluno do Projeto Guri). Disponível em: [http://www.projetoguri.org.br/novosite/wp-content/uploads/2017/11/Livro-aluno\\_trompete\\_2013.pdf](http://www.projetoguri.org.br/novosite/wp-content/uploads/2017/11/Livro-aluno_trompete_2013.pdf). Acesso em: 19 set. 2023.

SILVA, Cristine; SANTOS, Jonathan. O ensino de instrumentos musicais em projetos sociais do Distrito Federal: um levantamento em tempos de pandemia. **Anais do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical**, [s. l.], v. 4, 2021.

SILVA, Nisiane; FÜLBER, Daiana; SOARES, Isac, KINOSHITA, Lucas. Aulas de canto, flauta doce e percussão virtuais no projeto OUVIRAVIDA: um relato de experiência. **Anais do Encontro Regional Sul da Abem**, [s. l.], v. 4, 2020.

SOARES, Isac. Aulas de trompete em meio à pandemia. *In*: SOUZA, Jusamara; SPECHT, Ana Claudia; CHAGAS NETO, Antonio; MARQUES, Jaqueline Soares; GONÇALVES, Lilia Neves; LORENZETTI, Michele Arype Girardi; TREJO LEÓN, Rosalía. **O cotidiano no cotidiano da pandemia**: reflexões e experiências com a educação musical. Porto Alegre: Scientific, 2021a. p. 26-30.

SOARES, Isac. **Trajetórias formativas de trompetistas**: um estudo de caso com três profissionais atuantes no cenário musical de Porto Alegre. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021b. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/234602>. Acesso em: 23 set. 2023.

SOUZA, Jusamara; KLEBER, Magali; NASCIMENTO, Antônio Dias; FREITAS, Maria de Fátima Quintal de; WEILAND, Renate Lizana; MACIEL, Edineiram Marinho; FIALHO, Vania Malagutti. **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

WEICHSELBAUM, Susan Anete; NUNES, Pamela Lopes. Contribuições do ensino da música em projetos sociais: depoimentos de egressos. **Anais do Encontro Regional Sul da Abem**, [s. l.], v. 2, 2016.



**Isac Costa Soares** é mestre em Música com ênfase em Educação Musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), licenciado em Música pelo Centro Universitário Metodista IPA, formado em trompete pelo Conservatório Pablo Komlós (escola de música da OSPA) e participa do grupo de pesquisa Educação Musical e Cotidiano (EMCO). Participou de diversos festivais de música, tais como o Festival Internacional Sesc de música, Gramado in Concert, Festival Internacional de Inverno da UFSM, entre outros. Além disso, atua como músico da Orquestra de Sopros de Novo Hamburgo e participou como músico convidado da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), Banda Municipal de Porto Alegre, Orquestra Sinfônica de Gramado e Orquestra da Ulbra. Também tem acompanhado cantores consagrados, como Daniel, do seguimento sertanejo. Atualmente é professor de trompete no Projeto Ouviravida e Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul.  
<http://lattes.cnpq.br/696456722154211>